

II Simpósio Nacional em História – Trabalho, Cultura e Poder: “O Ofício do Historiador”

31 de agosto a 03 de setembro de 2010
UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR

SIMPÓSIO TEMÁTICO TRABALHO

A experiência social de trabalhadores ovelheiros e a produção de ovos e aves no tempo do “tubarão de galinhas”*

Vagner José Moreira**

A produção e industrialização de ovos e aves na contemporaneidade passaram por um processo intenso de transformação. O processo histórico vivido fixou limites e exerceu pressões sobre os modos de vida dos trabalhadores do campo e da cidade. O trabalho foi intensificado ampliando a exploração dos trabalhadores. Esse processo de reorganização do trabalho no campo transformou trabalhadores rurais em “avicultores”¹ e trabalhadores diversos na cidade em mão de obra assalariada da agroindústria, espoliados e mutilados pela rotina intensa dos frigoríficos².

No artigo, o objeto constitui-se nas experiências sociais de trabalhadores na luta cotidiana pela vida e pelo trabalho, em que problematizo a reorganização do trabalho no campo no período de 1945 a 1964, o tempo do “tubarão de galinhas”³, na região Noroeste do Estado de São Paulo. Em meados do século XX, o viver no campo estava pautado por dinâmicas e relações sociais diversas que envolviam sujeitos sociais e históricos como o trabalhador ovelheiro. A atividade constituía na compra de ovos e aves pelo trabalhador ovelheiro

* Artigo produzido a partir de materiais e das considerações finais do quarto capítulo da tese de Doutorado em História Social, pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, “Memórias e histórias de trabalhadores em luta pela terra: Fernandópolis-SP, 1946-1964”, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida.

** Professor do Curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: moreiravagner@terra.com.br

¹ TOEBE ZEN, Rosane. O processo de trabalho dos avicultores parceiros da Sadia S. A.: controles, mediações e autonomia. 2009. 124 f. Mestrado (Dissertação em Educação) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, UNIOESTE, Cascavel.

² Também pesquiso o processo histórico de transformação das relações de trabalho no campo e das relações de trabalho em agroindústria na região Oeste do Paraná, em que oriento duas pesquisas de iniciação científica pela UNIOESTE: Jaqueline Michele Cunico, com a pesquisa “Trabalho e trabalhadores do leite: Frimesa/Marechal Cândido Rondon-PR”; Ana Claudia Branchi Duraes, com a pesquisa “Experiências sociais dos trabalhadores e relações de produção no interior da fábrica Frimesa/Marechal Cândido Rondon-PR”.

³ Cf. MENESES, J. G. Tubarão de galinhas. **Fernandópolis-Jornal**, n. 422, 8 de janeiro de 1953, p. 1. A problematização desse artigo publicado na imprensa local será feita mais adiante no texto.

em seus deslocamentos pelo campo para comercializar esses produtos na cidade. O trabalhador oveiro poderia residir na cidade e apenas desenvolver essa atividade para a subsistência familiar ou residir no campo desenvolver essa atividade entre outras atividades agrícolas.

Naquele período, a atividade começou a despertar o interesse do capital e iniciou-se o processo histórico de industrialização da produção de aves e seus derivados, que alteraram dinâmicas e modos de viver dos trabalhadores e destruiu formas de trabalho no campo.

Esse processo não ocorreu sem lutas e relacionaram-se as outras circunstâncias vividas no campo, como os dos diversos movimentos sociais de luta pela terra, pressionando, contraditoriamente, a reorganização das relações de trabalho no campo⁴.

A experiência social do trabalhador oveiro em Fernandópolis, na região Noroeste do Estado de São Paulo, foi problematizada a partir da produção das entrevistas com Antônio Gilioi e sua família para a pesquisa sobre o processo de construção social de memórias e histórias⁵ sobre o “levante comunista” em Fernandópolis, ocorrido em 1949. O movimento social tornou-se marco histórico e contraponto as muitas narrativas sobre as experiências sociais dos trabalhadores do campo e da cidade. A construção dos sentidos do passado ocultou as diversas práticas de luta dos trabalhadores por direitos e as diversas lutas pela terra, atribuindo-lhes outros significados, geralmente associando-os ao crime ou ao comunismo. A relação construída objetivava a criminalização policial e política das lutas dos trabalhadores⁶. Todavia, no movimento histórico da memória é possível identificar sujeitos e experiências dissidentes e lutas em todo esse período até o presente.

Antônio Gilioi ocupou-se de diversas atividades no trabalho no campo: assalariado rural, oveiro, medidor de café, produtor de mudas de café, entre outras atividades relacionadas com o viver no campo. Igualmente relevante para a escolha de Antônio Gilioi na produção da entrevista foi a sua trajetória de militante do movimento popular na cidade, no caso, a partir do final da década de 1970⁷.

⁴ MOREIRA, V. J. **Memórias e histórias de trabalhadores em luta pela terra**: Fernandópolis-SP, 1946-1964. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2009.

⁵ Cf. KHOURY, Y. A. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Orgs.). **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006. _____. **Muitas memórias, outras histórias**: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.

⁶ Cf. MOREIRA, V. J. **Memórias e histórias de trabalhadores em luta pela terra**: Fernandópolis-SP, 1946-1964. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2009.

⁷ Sobre a representatividade das narrativas orais para a pesquisa histórica, Cf. ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **História & Perspectiva**, Uberlândia, nº 25/26,

Com Antônio Gilioti realizei duas entrevistas. A primeira, em 21 de maio de 2007. No dia 24 de maio de 2007 realizei uma entrevista com Dona Aurora Luiza Ferreira de Oliveira, juntamente com sua filha, Neucila de Oliveira Gilioti, esposa de Antônio Gilioti. A entrevista com dona Aurora ocorreu diante da manifestação de que tinha muitas histórias para contar. De fato, narrou histórias familiares em que relatou a dureza da vida no campo, principalmente no trabalho de formação de fazendas, na derrubada de matas e plantação de lavouras. Durante as diversas visitas a família Gilioti, Antônio manifestou o interesse de continuar a entrevista, pois ainda havia coisas a relatar sobre seu trabalho durante a década de 1970 na Cobral, uma fábrica de fécula e farinha de mandioca e empacotamento de diversos outros produtos. A segunda entrevista com Antônio Gilioti foi realizada em 3 de julho de 2007. Na verdade, queria denunciar o trabalho sem o devido registro e aponta que, em certa ocasião, a empresa rasurou a sua Carteira de Trabalho, motivo pelo qual teve de trabalhar por mais 9 meses para se aposentar. Com certo receio e depois da insistência de sua esposa, Neucila, também denunciou que ele e outros trabalhadores da Cobral foram coagidos a assinarem documentos para a direção da empresa abrindo mão de direitos sobre a posse de terras, talvez em Rondônia. Parece que a empresa havia utilizado os nomes e os documentos dos trabalhadores para a apropriação de terras concedidas pelo governo do período. Antônio Gilioti afirma, pelas suas vivências, que a exploração dos trabalhadores ocorreu igualmente na cidade, não apenas no campo. Esse enredo acompanhou as duas entrevistas, porém apenas compreendi ao final da segunda entrevista com Antônio Gilioti.

No século XX, o processo histórico de deslocamentos de trabalhadores para essa região, territorialmente abrangida pelas divisas do Estado de São Paulo com os Estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, pressionados por diversas circunstâncias, foram formulados pelos trabalhadores como projetos de vida. Entre os diversos significados construídos para esses projetos de vida, muitos trabalhadores expressaram expectativas no acesso à terra para o trabalho e para a produção das condições materiais de vida, mesmo que fosse por meio da compra parcelada da terra.

As disputas e os conflitos em torno da propriedade fundiária têm a marca daqueles tempos em que a grilagem constituiu-se na prática rotineira para a concentração da propriedade privada e na apropriação da renda da terra.

A entrevista com Antônio Gilioti constitui-se num evento relevante, não apenas para a família Gilioti, mas para a investigação. É uma entrevista representativa de experiências compartilhadas socialmente pelos trabalhadores do campo e da cidade. Em sua primeira entrevista, solicitei que falasse como era a vida na região durante as décadas de 1940 e 1950, ao que responde:

Antônio Gilioti: Então, eu vim pra cá já em 52... por aí. Fernandópolis era início ainda, né, era vila Pereira e eu era novinho ainda, né, mais eu **lembro com detalhes**, né, como era a região aqui, né, era muito café, muita lavoura de café. E... meu pai era desbrotador, né, fazia a desbrota nas fazendas, fazenda aqui dos Biroli, e tal. Em tudo essas fazendas em volta aqui. Eu me lembro bem que nós trabalhamos de colono também, né, nessas fazendas, né, e o colono naquele tempo ele recebia uma... uma, um valor por cada mil pé de café. Era **vida dura** porque a família grande tocava talvez muito mais pés... mil pés, já a mais pequena tocava menos. Então, como era o valor por mil pé somado, o total de mil pé que tocavam dava um tanto por mês e a gente tinha que sobreviver com aqueles valor ali.

Vagner: Era assalariado, então?

Antônio Gilioti: Era quase um assalariado, mais não era porque não era registrado, não tinha nem registro, não tinha nada, né, era... porque tinha vários tipos, né, era... tinha esse, esse colono que tocava o café dessa forma, tinha o meeiro, né!

Vagner: Então meeiro não era o colono?

Antônio Gilioti: Não! O meeiro, o meeiro era aquele que tocava o café a meia... Ou a lá... a roça, lavoura, né, por exemplo o café era no fim do, da colheita ele ficava com 50% e devolvia 50% pô fazendeiro, colhido, né. O fazendeiro já pegava colhido! O arrendatário era aquele que arrendava as terras, por exemplo: 20%, 30% dependendo do fazendeiro e dependendo das terras, né! Aí o lavrador, o roceiro arrendava porque, por exemplo por 20%, ele plantava algodão, arroz, milho e tudo que ele plantava depois ele colhia pagava os 20% pro patrão e... e... dos cereais, né, o arroz, o feijão, e ficava com o resto. Tinha aquele que arrendava a dinheiro, então era um X o valor por alqueire. Aquele lavrador que tinha um pouquinho mais ele... de dinheiro, ele então ele arrendava a dinheiro, aí o que ele colhia era tudo dele. E tinha o posseiro também, né, aquele que apossava ali pegava um pedaço de terra, ficava ali. **Naquele tempo as fazendas eram muito grande, né. E... ficava aí até acabava ficando com a própria terra.**

Vagner: Mas, tinha... aqui na região...

Antônio Gilioti: Tinha!

Vagner: Tinha algum posseiro aqui na região? O senhor conheceu algum?

Antônio Gilioti: Éh... eu não conhecia, **mas pelo que o povo falava** ah, ah, quase a maioria dos fazendeiros aqui eles pegavam, eles mediam as terras lá e pegavam um tanto a mais... Uma coisa que a gente não pode provar, mas era... era... não, tinha, assim, muito... Era **sertão** ainda. Cê pegando aqui dá, dá... da [rua] Sete aqui embaixo onde hoje é... é... essa CESP [bairro], né!?

Vagner: Sim!

Antônio Gilioti: Ali pra lá já era mato, tudo mato e tinha as fazendas que eles compravam e já foram desbravejando e plantando café, né, os Baroli, os Cáfaros, né? Então, o povo comentava muito que os fazendeiros que vinha pra cá comprava, por exemplo, comprava 100 alqueires e cercava 110, 120... **E tinha aqueles também que... que pegava um pedacinho... talvez nem sabia quem era o dono e ficava plantando ali, né, e o tempo passava e ele acabava ficando com a terra**⁸.

⁸ Antônio Gilioti. Fernandópolis/SP. 21/05/2007. Acervo do Pesquisador. (Grifo nosso).

A narrativa de Antônio Gilioti constitui-se em evidência de como algumas vivências tensionam as reminiscências e como alguns projetos não se desvanecem na vida dos trabalhadores e ainda apresentam-se como possibilidades e tendências prospectivas.

Desde o final da década de 1970, Antônio Gilioti é um militante das CEBs e dos movimentos populares em Fernandópolis, constituindo numa vivência relevante para Gilioti, assim, fez questão de narrar que se deslocou de Fernandópolis para São Paulo, na Praça da Sé, para protestar contra a carestia e o aumento do custo de vida, que assolava os trabalhadores no final da década de 1970 e início da década seguinte. Problematizando o presente, angustia-se diante da letargia dos movimentos populares, da CEBs e da Igreja, que não se mobilizam mais para as diversas lutas no presente, avaliando que conquistaram muitas coisas no passado, mas ainda hoje a situação é difícil para os trabalhadores.

A narrativa de Antônio Gilioti sobre as vivências no campo foi relatada a partir da marca dessa experiência vivida e pensada. A construção da memória sobre as relações entre os trabalhadores rurais e os latifundiários, atribuindo significados a essas relações, expressa a subjetividade de Antônio Gilioti como trabalhador atento às circunstâncias e vicissitudes do trabalho no campo. Certamente, sua experiência social possibilitou refletir sobre esse processo histórico. Sua trajetória de vida levou-o a reelaborar e refletir sobre as relações de trabalho no campo.

O mundo dos trabalhadores narrados por Antônio Gilioti, construídos a partir de relações de trabalho no campo como assalariados/colonos, parceiros, meeiros, arrendatários, posseiros, dentre outros, atravessa a pesquisa quando se problematiza a memória e os modos de vida desses trabalhadores. As relações de trabalho experimentadas por esses trabalhadores pressionaram-lhes a formular projetos diversos para suas vidas e lutar por direitos e pela terra na região Noroeste do Estado de São Paulo. Na memória de Antônio Gilioti e, certamente, na memória de muitos outros trabalhadores rurais, mantêm-se presente as disputas pela vida diante das duras condições de vida no campo e das relações de trabalho exploratórias.

No trabalho da memória, o processo de elaboração das reminiscências, definição da pauta da entrevista e o quê o sujeito entrevistado deseja tornar público ao pesquisador, Antônio Gilioti utiliza do procedimento narrativo “lembra com detalhes” para enfatizar e marcar a temporalidade da narrativa. Antônio Gilioti narra suas memórias sobre Fernandópolis no “seu início”, quando ainda era “Vila Pereira”. A elevação de Fernandópolis a município ocorreu 1945, a partir da junção de duas vilas, Pereira e Brasilândia. Nesse ano foram criados os municípios de Fernandópolis e Votuporanga, separando-se os mesmos,

administrativa e territorialmente, de Tanabi⁹. O procedimento narrativo utilizado constitui-se numa forma de autorizar sua narrativa e torná-la representativa de uma versão do passado da cidade. A utilização do marco histórico para a definição da temporalidade narrada é significativa ao se desvencilhar das narrativas históricas tradicionais, que mitificaram e edificaram sujeitos e, assim, construíram a memória triunfalista do passado da cidade.

Nessas narrativas mitológicas, os modos de vida, as condições de vida, as relações de exploração por meio do trabalho e os movimentos sociais dos trabalhadores não tiveram lugar. A narrativa de Antônio Gilioti disputa a memória da cidade e a coloca em movimento.

Na narrativa de Antônio Gilioti, os lugares da cidade descritos como limites para o início do “sertão” – noção que fundamenta a narrativa hegemônica e, assim, constitui evidência do processo histórico relacional de construção social de memórias –, são a Avenida Sete (atual Avenida Amadeu Bizelli) e o bairro da CESP, que constituem no presente a área central e urbanizada da cidade. Antônio Gilioti constrói por meio de sua memória o mapa da disputa pela terra na cidade: “a maioria dos fazendeiros aqui eles pegavam, eles mediam as terras lá e pegavam um tanto a mais... Uma coisa que a gente não pode provar”. A versão de Antônio Gilioti sobre os processos de disputas pela terra e do processo de apropriação fundiária tensiona as versões mitificadas do passado quando afirmam que esse processo ocorreu de forma “mansa e pacífica”. O mapa da apropriação e da grilagem da terra em Fernandópolis, construído a partir da memória de Antônio Gilioti, tem significados simbólicos: expressa como ele, trabalhador rural naquele tempo, dimensiona a disputa pela terra na região – a grilagem da terra ocorrida até muito próximo da cidade, talvez até na área urbana, não apenas nos espaços mais distantes, constituindo-se, assim, num problema realmente vivido por muitos.

Após sua narrativa sobre as diversas formas de exploração do trabalho, Antônio Gilioti termina falando sobre os posseiros. Imediatamente, formulo perguntas provocativas sobre os posseiros na região. Talvez Antônio Gilioti não tenha conhecido mesmo nenhum posseiro, mas sua trajetória de trabalhador rural e ovelheiro na região o qualifica como sujeito que compartilhou dessas experiências e notícias, certamente difundidas em toda a região. Gilioti parece receoso ao relatar o processo em que o posseiro “pegava um pedacinho... talvez nem sabia quem era o dono e ficava plantando ali, né, e o tempo passava e ele acabava ficando com a terra”. A narrativa desvela o quanto fora complexo a questão agrária no período e

⁹ Até dezembro de 1948 os territórios da micro-região de Jales, que inclui Santa Fé do Sul e muitas outras cidades, pertenciam ao município de Fernandópolis. Porém, a eleição municipal para a prefeitura de Jales ocorre apenas em março de 1949.

dimensiona o quanto determinados valores liberais de propriedade, corroborados por valores cristãos, disseminados no social, moldava as perspectivas históricas e sociais dos trabalhadores e limitava e pressionava as possibilidades de formalização de projetos de vida. A luta pela terra, organizada coletivamente ou como atitudes atribuídas aos posseiros, significava romper e reelaborar determinados valores e princípios que norteavam suas vidas.

A experiência de trabalho vivida como oveiro por Antônio Gilioti é significativa de uma atividade que desapareceu nas últimas décadas no interior do Estado de São Paulo. A narrativa sobre essa atividade foi formulada após meu questionamento sobre a existência de armazéns dentro das fazendas:

Antônio Gilioti: Aqui no... no... aí já tava, já era bem... já tinha uns dezessete, dezoito anos **eu me lembro**, né, é... eu trabalhei de oveiro também!

Vagner: Como que é?

Antônio Gilioti: E eu trabalhei de oveiro!

Vagner: Como que é que era oveiro?

Antônio Gilioti: Eu tinha uma charretinha, né, com o animal e saía nas colônias, porque **naqueles tempos** tinha muitas casas, sítios, colônias... compravam galinha, ovo, né, e entregava na, na, no depósito aqui, porque **naquele tempo** não tinha ovos de granja, nem... nem frango de granja era caipira mesmo. Então o depósito mandava pra São Paulo caminhão de, de ovos, de galinha. E tinha os oveisos que, que fazia as linhas, né.

Vagner: Certo!

Antônio Gilioti: E eu fazia essa linha do Mota, aqui, fazia várias linhas, né. Mas fazia a do Mota. Mota era um engenho de pinga que tinha ali. E ali tinha um armazém também pra, pra, pro povo da fazenda. Havia várias fazendas uma perto da outra, né, mais o Mota também tinha muitos, muitas famílias na fazenda dele. Então eles compraram ali, lá no armazém do Mota.

Vagner: Esse Mota que... que...

Antônio Gilioti: Era um engenho de pinga!

Vagner: ... mas que região que era?

Antônio Gilioti: Éh... aqui indo pra Duas Pontes, tem a fazenda do Gandolfi, pra cima um pouco! Mais é... não é mais deles, né, deve ser de outro dono, né. Mais é essa região aqui indo pra Duas Pontes. O engenho do Mota fazia pinga, fazia... eu não sei se eles fazia açúcar, mas pinga eu tenho certeza que fazia. Então ali... ali eles tinha o armazém, tinha campo de bola, né, que é futebol pus povo das fazendas, né, se reuniam pá jogá bola... e o... e o armazém tinha tudo... O armazém tinha de tudo... pras pessoas compra!

Vagner: Fala um pouquinho mais dessa coisa do oveiro, o senhor comprava esses ovos, como é que era?

Antônio Gilioti: Oveiro era assim óh... eu saía cedo fazia uma linha, por exemplo, essa linha pra São João das Duas Pontes, né, eu passava na, nas casas lá, sítios, arrendatários. Fosse deles seja o que fosse, né, porque naquele tempo o dono de fazenda morava também de sítio, morava lá, né, e as mulher criavam muitas galinhas, então colhia ovo, né, frango. Então eu passava comprando e aí eles vendiam, né!

Vagner: O pessoal só comprava a dinheiro?

Antônio Gilioti: A dinheiro e muitas vezes elas... elas pediam mercadorias, por exemplo, elas pediam aviamentos, botão, linha, zíper... essas coisas eu levava e trocava, né, muitas vezes eu trocava... eu comprava também café limpo, pra mim pro meu gasto, feijão que, que elas vendiam pra fazer algum dinheiro, né, E até... eu cheguei comprar naquele tempo 100 dúzias de ovos por dia.

Vagner: Nossa!

Antônio Gilioti: Tinha mulher que juntava 10, 12 dúzias de ovos e tinha o terreiro cheio de galinha. Hoje não tem mais porque hoje **ninguém mora mais no sítio**, né. Mas **naquele tempo todo o povo que trabalhava na roça morava no sítio**, né. E..., então enchia o engradado de frango, galinha... aí chegava aqui, aí entregava, eles vendia. Éh... o lucro era pequeno, né, mais sempre tinha, né! E vendia no depósito. Depósito era de... do Diogo aqui. Aqui na... pra cima da avenida ali. Agora mora uma filha dele, ele já morreu, né. O Diogo Peres, ele era que comprava, comprava e quando tinha uma remessa de ovo ele mandava tudo pra São Paulo, enchia caminhão de ovo, galinha, frango e ia tudo pra lá. Porque não tinha nada de granja. Então era pouco pá população, tudo que ia ainda era pouco lá em São Paulo!

Vagner: É...

Antônio Gilioti: São Paulo não era o que é hoje, né, mais era grande, né! Então consumia muito. Aí eu fui, eu trabalhei de ovelheiro uns 3, 4 anos, por aí!

Vagner: Nossa, bastante tempo assim? O senhor já era casado, ou não?

Antônio Gilioti: Eu trabalhei de solteiro e trabalhei mais ou menos um ano depois que eu casei, né! Aí eu parei porque aí, aí, foi quando começou o êxodo rural, né, e o povo começou a vim tudo pá cidade, foi pá São Paulo e foi acabando os colonos, meeiro e arrendatário, então... é como hoje que você sai pos sítios aí e só vê casa vazia, né! Então não compensava mais¹⁰.

Utilizando o casamento como marco histórico para compor suas memórias, Antônio Gilioti afirma que trabalhou por mais três ou quatro anos como ovelheiro. O trabalho como ovelheiro constituiu uma atividade relevante para o viver no campo naquele período e, em muitas circunstâncias, era o ovelheiro que fazia circular mercadorias e as notícias da cidade. Contudo, como descreve Antônio Gilioti, em determinado momento, o trabalho do ovelheiro “não compensava mais”, situando as pressões ocorridas com a expansão do capitalismo no campo, que reestruturava a produção agropecuária, com a introdução da mecanização da produção agrícola e da expansão da atividade de criação de gado, a pecuária, que pressionou os deslocamentos dos trabalhadores para a cidade – o “êxodo rural”. É necessário enfatizar mais uma vez que esse processo histórico foi pressionado pelos diversos movimentos sociais dos trabalhadores no campo, intensificados a partir de 1945¹¹. As relações capitalistas no campo e na cidade ocorreram dialética e simultaneamente. O processo histórico do capitalismo no Brasil *não* é dicotômico, separando o campo e a cidade, hierarquizando os espaços¹².

O trabalho como ovelheiro hoje é uma das muitas atividades que foram eliminadas pelo capitalismo. O ovelheiro era o responsável pelo abastecimento de ovos e aves da cidade. Contudo, Antônio Gilioti viveu e narra o tempo em que essas transformações já estavam

¹⁰ Antônio Gilioti. Fernandópolis/SP. 21/05/2007. Acervo do Pesquisador.

¹¹ Sobre esse processo histórico, Cf. MOREIRA, V. J. “Chega de formar fazendas para os outros, para depois receber despejo”: entre intencionalidades, rebeliões e levantes, a ousadia do movimento dos trabalhadores de 1949. In: _____. **Memórias e histórias de trabalhadores em luta pela terra**: Fernandópolis-SP, 1946-1964. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2009.

¹² Cf. WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. WOOD, E. M. **A origem do capitalismo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

ocorrendo e a produção de ovos e aves no campo não mais abastecia apenas a cidade de Fernandópolis. A produção era transportada para São Paulo.

No início da década de 1950, instalou-se em Fernandópolis a empresa “Sociedade Avícola Santista Ltda”, com direção local de Romeu Soares, cujo objetivo do entreposto limitava a compra de ovos e aves para o seu comércio em Santos e São Paulo. Parecia que esse empreendimento empresarial dava lucros, pois existiam outras empresas atuando na cidade e na região. Essas empresas começaram a contratar oveiros para a atividade de comprar ovos e aves no campo. Antônio Gilioiti trabalhou para uma dessas empresas, mas em determinados momentos vendeu diretamente os produtos para os moradores da cidade. Há notícias de muitos oveiros terem trabalhado por conta antes da instalação dessas empresas.

O empreendimento empresarial dessas mercadorias para a comercialização em São Paulo ou Santos provocou uma crise no abastecimento no mercado local e provocou a reclamação dos moradores. Jonas Gomes de Meneses apresentou-se como crítico do desabastecimento, da escassez de gêneros alimentícios e dos interesses dessas empresas:

Tubarão de galinhas

Quando falamos em tubarão, logo temos a idéia que se trata de um indivíduo de tipo corpulento dando a impressão de senhor do mundo, mas é engano, pois existe uma qualidade de tubarões secos, que são peores (sic) do que os chamados gorduchos. Aqui em Fernandópolis, temos um desses magros, secos, que há anos vem açambarcando todo o município, de maneira absurda. Compra aves e ovos em grande quantidade porque é poderoso, isto é, 85% do movimento neste ramo é feito por ele. Despacha todas essas aves para São Paulo, deixando o público da cidade em falta. Em falta, sim, porque mais de três vezes eu procurei aves ou ovos para o meu consumo e me foi negado, quando os caixotes ou engradados estavam abarrotados deste produto. Isto que aconteceu comigo, também aconteceu com dezenas de pessoas. Não foi o fato de a mim não querer vender. É o açambarcamento desregrado para auferir gordos lucros nos mercados de São Paulo. E enquanto isso, Fernandópolis, a fonte de produção, passa por maus bocados porque a sua população nem sempre encontra aves ou ovos; gêneros de primeira necessidade, sendo que o depósito da Cia. Avícola Santista mantém (sic) diariamente este produto, quando o Snr. Diogo Navarro mantinha depósito de aves na cidade, nunca uma pessoa saíu (sic) sem comprar este produto, por dizer que não tinha. E porque este senhor não faz o mesmo. Porque nega a mercadoria à população. Não gosta ele de morar em Fernandópolis?

Eis aí uma das coisas que a Prefeitura devia exigir. Primeiro, o abastecimento da cidade, e depois, a exportação¹³.

Por meio das páginas do periódico, Meneses sempre estava publicando suas idéias e opiniões sobre o viver na cidade. Desta vez, resolveu enfrentar o “tubarão de galinhas”. Na crítica ao desabastecimento de ovos e aves na cidade, construiu seu argumento enredado a

¹³ MENESES, J. G. Tubarão de galinhas. **Fernandópolis-Jornal**, n. 422, 8 de janeiro de 1953, p. 1. Em 1949 Jonas Gomes de Meneses era comunista e esteve implicado ao movimento de trabalhadores em junho de 1949, mas em 1953 era ex-comunista declarado fora autor de diversos artigos no periódico “Fernandópolis-Jornal” se posicionando contra o comunismo.

termos e noções difundidas por comunistas e nos periódicos comunistas do período. O termo “tubarão” fora comum e estampavam os periódicos pecebistas para construir a imagem do capitalista enriquecido com o trabalho explorado. Essa imagem não era desconhecida do ex-comunista e proprietário de banca de jornais e revista da cidade.

Romeu Soares, o representante da “Sociedade Avícola Santista Ltda”, descrito como “tubarão seco”, respondeu na edição seguinte do periódico. O executivo da empresa acusou Jonas de Meneses de “completa ignorância do comércio”, embora fosse um comerciante. Usou o espaço na imprensa local para defender “o progresso da cidade” e informar que a empresa dirigida por ele não era a única da cidade, porém as outras empresas atuavam na “completa ilegalidade”, sem recolher os devidos impostos, obrigando a “Sociedade Avícola Santista Ltda” a estender seus negócios para os municípios de Estrela D’Oeste e Jales. Em sua opinião, as “empresas ilegais” concorriam desonestamente, cujos “inescrupulosos que burlam as leis, e tornando impossível a transação por firmas como a nossa que mantém em dia suas obrigações fiscais”. Assim, afirma, que

[...] não somos açambarcadores dos referidos produtos, pois caso o referido articulista queira comprovar, poderia ir até a Estação EFA e verificar se todos os despachos de Aves e Ovos são feitos por nós, verificando mais, junto aos diversos depósitos de Aves e Ovos existentes na cidade, se são nossa propriedade.

Não prejudicamos os habitantes desta cidade, pois, como nossa firma mantém um gerente e demais funcionários, os quais tem ordem expressa para remeterem o produto, sem efetuar vendas neste ou outro Município, podem os habitantes de Fernandópolis adquirirem o produto em outros depósitos como acima dissemos, existem em grande quantidade.

Mesmo que pudéssemos efetuar vendas, não seríamos obrigados à vender ao snr. Jonas Gomes de Meneses, pois, sendo o comércio livre, pagamos nossos impostos Municipais, Estaduais, e Federais, e podemos baseados no direito que nos assiste, comerciar com quem nos parecer interessante¹⁴.

O executivo da empresa santista expressou com todas as letras a perspectiva liberal que orientava o comércio de aves e ovos na região de Fernandópolis e, talvez, sem perceber, asseverar as razões para o desabastecimento desses produtos na cidade. O movimento histórico e dialético do capitalismo, bem como o deslocamento dos trabalhadores do campo para a cidade, não fez desaparecer apenas a profissão de oveiro, mas também essas empresas que exploravam o trabalho dos ovelhos. Por outro lado, no presente, multiplicou-se de sobremaneira a produção industrial de ovos e aves por meio de agroindústrias. Uma problemática histórica perturbadora que esse artigo não açambarca, mas intenta colocar em perspectiva histórica essa problemática vivida por muitos trabalhadores de frigoríficos e

¹⁴ SOARES, R. Comércio, exportação! E progresso para Fernandópolis sim! Exploradores do povo, não! *Fernandópolis-Jornal*, n. 423, 11 de janeiro de 1953, p. 3.

avicultores. Naqueles tempos difíceis, as condições de vida dos trabalhadores foram pioradas pela escassez de alguns produtos que, conseqüentemente, tinham seus preços majorados¹⁵.

Jonas Gomes de Meneses não se deu por vencido e publica na edição seguinte réplica sarcástica: “Se negar gêneros de primeira necessidade ao povo for progresso, a minha avó é careca!”. No artigo de 18 de janeiro de 1953, Meneses ironiza e destroça o executivo: “*Tubarão de galinhas*, título muito honroso para o snr. Romeu Soares, famigerada Sociedade Avícola Santista Ltda. Escrevo com toda a vibração do meu espírito, porque tenho a capacidade para me defender”¹⁶. Não passou muito tempo e Meneses sentiu-se pressionado a vender sua “agência de jornais e revistas”, “Agência Nancy”, e mudou-se da cidade. A posição assumida Meneses pode ter-lhe custado esse desconforto. A noção histórica “progresso” mediava a defesa dos projetos em disputa para a cidade e situavam os sujeitos em campos de forças opostos. Na construção das objeções e oposição aos diversos projetos dos trabalhadores o “progresso” foi utilizado como argumento. Nesse episódio, Jonas Gomes de Meneses foi vítima do tal “progresso”.

O trabalho de oveiro não passou despercebido pelos agentes do DOPS. No inquérito policial que inquiriu o movimento dos trabalhadores de 1949 em Fernandópolis e nos prontuários do DOSP, Florindo de Souza, qualificado como oveiro, nutria o projeto de que cada trabalhador teria sua terra para plantar sem ter que pagar a renda da terra para ninguém¹⁷. Por ocasião da concentração de trabalhadores em 1952, Alfredo Tomaz Mesquita foi preso e qualificado como oveiro. No relatório do investigador foi observado que a atividade de oveiro facilitava o trabalho Alfredo Tomaz Mesquita de distribuição de panfletos e jornais comunistas¹⁸.

¹⁵ Com as iniciais E. M. E. e com o título “**Carne... barata**”, publicado no “Fernandópolis-Jornal”, formulou-se a seguinte reclamação: “Sem duvida alguma está nos fazendo falta uma rigorosa fiscalização nos açougues. Se não é tabelada a carne, pelo menos a Cr\$ 15,00 o kg, o povo merecia mastigar uma carne mais tenra e não abusivamente como vem acontecendo pois nesse preço absurdo é vendido o boi, ou vaca, inteirinho. Não há distinção mais de carne de 1ª ou de 2ª com osso e sem osso. E ainda se dê por feliz o desgraçado que consegue achar um ½ k de peçoço promovido a “carne extra”. E o Brasil é considerado paiz (sic) de fartura! E o brasileiro é considerado felizardo. Pobre povo pobre fernandopolense, cujo custo de vida quase se equipara com o do capitalista, que ao menos enquanto chora a barriga tem canções nos olhos, enquanto definha o corpo êle (sic) engana os sentidos. Enquanto isso, vamos roendo o ‘osso’ esperando ‘dias melhores’”. **Fernandópolis-Jornal**, Ano VI, n. 303, 08 de novembro de 1951. p. 4

¹⁶ MENESES, J. G. Se negar gêneros de primeira necessidade ao povo for progresso, a minha avó é careca. **Fernandópolis-Jornal**, n. 425, 18 de janeiro de 1953, p. 3.

¹⁷ PROCESSO CRIME, nº. 140, de 23 de agosto de 1949, p. 129. Prontuário 110.611 – Florindo de Souza. DEOPS/SP, DAESP.

¹⁸ DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL – Serviço Secreto – São Paulo – Data 26/5/1952 – Classificação: Assuntos Gerais Sobre Serviços, - Sub-Classificação: Ambientes não especificados. Investigação em torno de elementos comunistas de Fernandópolis, Santa Salete e adjacências. Despacho: Arquivo Geral – S. P. 27/5/1952 (a) Arnaldo Pires de Camargo. Prontuário 69.800 – Oswaldo Felisberto. DEOPS/SP, DAESP. Em razão dessa prisão publicou declaração na imprensa local: “Declaração. ALFREDO TOMAZ DE MESQUITA

A explicação histórica da experiência social de muitos trabalhadores no presente está situada nesse processo histórico, imbricados na reorganização do trabalho campo a partir de década de 1950, com a agroindústria de ovos e aves, com a mecanização da produção agropecuária, alterando as relações de trabalho no campo de assalariados/colonos, meeiros, parceiros, posseiros, entre outros, fez desaparecer a atividade e ofício do trabalhador oveiro.

abaixo assinado, vem tornar do conhecimento de todas as autoridades constituídas e do povo em geral que, desde a cassação do Partido Comunista do Brasil, deixou de pertencer àquele partido ilegal, afastando-se por completo de quaisquer atividades. Que julgava desnecessária qualquer publicação, mas como está ainda sendo vítima de equívocos e dúvidas, vem por esta maneira, com a liberdade de pensamento com outrora ingressou para as fileiras do referido partido, declarar que, de há muito nada tem com o mesmo, tratando apenas de seu trabalho e de sua numerosa família. Por ser verdade o que declara, autoriza a publicação desta no “Fernandópolis-Jornal”. Fernandópolis, 17 de junho de 1952.” Fernandópolis-Jornal, n. 366, Secção Livre, 19/06/1952, p. 3.